

MENTIRAS, MEDOS E MILAGRES EM 1981

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 12.01.1982

No final de 1980, quando a mudança da política econômica levou os economistas de oposição e os empresários a alertar contra uma recessão econômica, os ministros econômicos garantiram que tal não aconteceria, nem era o objetivo. Mas ao mesmo tempo continuaram a praticar uma política monetária deliberadamente recessionista. Quando a recessão se tornou definida (mas não evidente), a partir de abril, os ministros continuaram a negá-la. E os empresários atrelados ao Governo aceitaram o diagnóstico (falar em recessão seria estar contra o Governo...), ao mesmo tempo que continuavam a condenar uma “eventual” recessão.

Quando, por volta de agosto, a recessão tornou-se absolutamente evidente, com a produção industrial despencando, os índices de desemprego alcançando taxas socialmente dramáticas, as vendas varejistas caindo sistematicamente, todos (menos o próprio Governo) aceitaram que estávamos diante da mais grave recessão da história industrial deste país. Os economistas ortodoxos trataram, então, de justificá-la em termos de benefícios que estaria trazendo para a queda da taxa de inflação e para o saldo da balança comercial. E os empresários, que tanto falavam contra a recessão, esqueceram seus argumentos (falar contra a recessão seria estar contra o Governo...). Preferiam passar a falar nas perspectivas de recuperação da economia. Os ministros, entretanto, continuavam recusando-se a falar em recessão, embora admitissem um “desaquecimento setorial”... E repetiam juras de que seu único objetivo era garantir o desenvolvimento do país, os lucros dos capitalistas e o emprego (e os salários!) dos trabalhadores.

Vivemos assim o ano de 1981, em um clima de mentiras reiteradamente afirmadas por uns e medrosamente aceitas por outros.

Apenas os economistas da oposição (além dos próprios números) continuavam a afirmar que a recessão estava em marcha. Estava claro para eles que a política econômica era

incompetente, e que havia alternativas de política econômica que evitassem a recessão generalizada que estava acontecendo. Aperto de cintos e sacrifícios setoriais seriam inevitáveis, já que a crise econômica brasileira tem caráter distributivo, a produção sendo menor do que a renda. Mas nada justificava a recessão generalizada e indiscriminada desencadeada em 1981.

Nesse sentido, enquanto que o Governo insistiu em uma política estritamente monetária de combate à inflação, ia se tornando cada vez mais claro que a causa imediata da crise econômica no plano interno era essencialmente fiscal, já que o impasse distributivo desembocava no déficit do orçamento global do Estado.

Estávamos neste ponto da história (ou estória?), toda a nação preocupada em saber como sair da recessão e voltar a crescer, quando, de repente, descobrimos que todos os nossos problemas estavam resolvidos. O milagre da multiplicação dos peixes afinal se repetia. O Ministro Ernani Galvêas corrigia antecipadamente os erros que Fundação Getúlio Vargas cometeria no cálculo do crescimento do PIB (seus cálculos serão concluídos e divulgados em fevereiro) e, através da criativa análise de ponderações, índices de preços e taxa de crescimento setoriais, descobria que o produto interno bruto brasileiro afinal crescera 3,1% em 1981.

Viva! Podemos todos ir para a praia ou para novas pescarias. Enquanto isto a Fundação Getúlio Vargas continuará a realizar seus cálculos com a seriedade que falta ao Governo. E quando voltarmos das férias milagrosas nos defrontaremos com a dura realidade da crise e da incompetência, do medo e da mentira.(12/01)